



O CORPO FEMININO NA MATURIDADE: GÊNERO, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO

Marcia Regina Medeiros Veiga
Universidade Federal de Santa Maria/RS/Brasil
marciarmveiga@gmail.com

Meu interesse pelo estudo das questões relativas ao envelhecimento surgiu ainda durante minha graduação em Ciências Sociais. Eu própria uma “acadêmica tardia”¹, experimentei as dores e as delícias de transitar em um ambiente destinado prioritariamente aos mais jovens.

Embora o curso de Ciências Sociais tenha como característica a diversidade, principalmente no âmbito da antropologia, foi perceptível, acentuadamente no início do curso, o estranhamento causado pela “colega madura”. De “senhora” a “tia” vários foram os tratamentos destinados a mim, até que o fato de eu ser uma mera colega, como qualquer um deles, fosse, aos poucos, naturalizado. É claro que não posso negar que, em algumas vezes, lancei mão de minha condição de mais velha para adquirir certos “privilégios”, como ter atendimento prioritário em uma orientação individual, por exemplo, deixando que meus colegas mais jovens aguardassem, pacientemente, sua vez. Tudo isso, aliado a algumas mudanças percebidas por mim em meu próprio corpo e em outras dimensões de minha vida, na chegada à maturidade, chamou-me à atenção para esta problemática.

Em meu trabalho de conclusão de curso, então, dediquei-me a conhecer um grupo de manequins da maturidade², o que me levou a pelo menos outras duas constatações: a importância dada ao corpo, quando se fala em envelhecimento e os poucos estudos destinados ao que chamamos de *meia-idade*³, uma vez que é perceptível, também, a necessidade de algumas mulheres em se identificarem em uma categoria que, ainda que não seja de todo igual à juventude (embora seus padrões estéticos muitas vezes se aproximem aos padrões desta fase), difira, também, da velhice. A *maturidade* seria, então, esta categoria. De acordo com Beauvoir (1990), a palavra

¹ Após 14 anos de minha formatura em Pedagogia, ingressei, aos 39 anos, no Curso de Ciências Sociais da UFSM, concluindo-o em janeiro de 2010, já aos 43 anos.

² Pesquisa intitulada “Modelos Seniores: Corpo e Envelhecimento – Um Estudo Antropológico”, apresentada à banca em janeiro de 2010, sob orientação da Professora Zulmira Borges, pela UFSM.

³ Quase que inevitavelmente, quando se fala em envelhecimento, a imagem que nos vem à mente é a do sujeito idoso. Os estudos voltados ao envelhecimento também enfocam, prioritariamente, a velhice.



“maturidade”, muitas vezes, é vista como um indicador de superioridade sobre a criança ou o jovem, o que qualificaria esta fase.

A partir daí, meu interesse foi crescendo ainda mais, tanto em relação às questões relativas ao corpo, quanto às do envelhecimento que, percebo agora, são indissociáveis e muito presentes também nesta fase muitíssimo significativa às mulheres de nossa era: a *meia-idade* ou *maturidade*. O aprofundamento das questões relativas à maturidade, ou meia-idade, pelo prisma da *corporalidade* é, dessa forma, o foco deste trabalho.

Antes de qualquer passo mais precipitado, faz-se necessária uma discussão em torno da categoria *meia-idade*. Embora as mulheres de minha pesquisa se aceitem, em determinados contextos⁴, como estando na *meia-idade*, assumindo o que consideram positivo na maturidade, o próprio termo “meia-idade” suscita muitas questões, não sendo, por si só, um dado natural. Falar em “natureza”, nas ciências sociais, aliás, é tarefa que requer alguma ponderação, afinal, é “através de processos culturais [que] definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (LOURO, 2007, p. 11).

O que significa, então, “estar na meia-idade”? Significa a chegada à metade da vida? O começo do declínio inevitável rumo à morte? O ápice da vida? Um momento de crises e rupturas? Ou simplesmente pode-se dizer que a meia-idade é meramente um marcador etário que tem seu início nos 40 anos, indo até a chegada da velhice, aos 60 anos? Ou, ainda, somos realmente “seres categorizáveis” a ponto de esta categorização ser mesmo necessária?

Goldenberg (2008) aponta as dificuldades de algumas mulheres em se definirem como *maduras* por não conseguirem ver para além das perdas associadas ao envelhecimento. Estas mulheres se sentiam fragilizadas e vitimizadas com o processo de envelhecimento, a ponto de se sentirem invisíveis como mulheres.

Além disso, a máxima de que “o velho é sempre o outro”, difundida por Simone de Beauvoir (1990) parece se enquadrar também na categoria “maturidade”. A própria Beauvoir (1990, p. 348) demorou a reconhecer-se, frente ao espelho, aos 40 anos, ao sentir o peso que a sociedade aplica aos que já não considera mais como jovens. E

⁴ A identificação das mulheres pesquisadas com esta categoria se dá em alguns contextos, no caso, o próprio ambiente da academia de ginástica. Dessa forma, minha compreensão se dá no sentido de que as identidades são sempre múltiplas, fluídas, relacionais e contextuais.



escreveu: “A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?”

Silva (2008) atribui o surgimento de categorias etárias ao processo de ordenamento social das sociedades ocidentais na modernidade, vindo a se estabilizar no século XX.

Neri (1991) observa que a idade cronológica ainda é o principal critério para a demarcação das categorias etárias, ainda que este seja um critério por demais limitado, já que o processo de envelhecimento é fortemente marcado pela cultura. Assim, a idade é utilizada como critério de ordenamento social, sendo, inclusive, demarcador de direitos e deveres explicitados por políticas públicas ou de padrões de comportamento meramente legitimados pelo senso comum.

Já Debert (2004) entende a criação da *meia-idade* como uma etapa intermediária da vida adulta, em decorrência de transformações nos padrões do mercado de trabalho. Ao mesmo tempo em que contingentes cada vez mais jovens da população se aposentam de suas atividades profissionais, abrem-se mais e mais nichos de trabalho aos de idade mais avançada, com empresas estimulando, inclusive, a contratação de pessoas acima dos 40 anos.

Talita Pereira de Castro (2009, p. 19), interpreta que o surgimento da meia-idade se dá “como um momento na vida adulta cujos significados podem ser interpretados à luz das possibilidades proporcionadas pela relativa abertura do curso da vida na pós-modernidade”. Em outras palavras, a fluidez⁵ da pós-modernidade permite que categorizações como “meia-idade” encontrem ecos nos grupos pesquisados, já que não são, necessariamente, representativos de aspectos negativos do envelhecimento. Além disso, a flexibilidade das categorias na contemporaneidade permite que se transite entre elas com maior tranquilidade, sem a preocupação com uma possível cristalização das mesmas.

1. MULHERES NA MEIA-IDADE: O CONTEXTO DA PESQUISA

⁵ Sobre a liquidez da modernidade e pós-modernidade, ver Bauman (2001).



Após delinear o tema, o objeto e o problema de minha pesquisa, deparei-me com um dilema, aparentemente pequeno, mas essencial: o universo empírico onde a pesquisa seria realizada.

Assim, elegi como universo um grupo de mulheres na faixa etária de 40 a 60 anos, aproximadamente, que, em comum, freqüentam uma academia de ginástica. O enquadramento na categoria *meia-idade* se deu mais tarde, já com minha proximidade ao grupo escolhido, quando percebi como elas próprias assumiam para si esta categorização como forma de diferenciação das colegas mais jovens.

Desse modo, após percorrer duas academias em busca de um campo onde pudesse desenvolver meu trabalho, finalmente encontrei a academia e o grupo perfeitos!

Esta academia faz parte de um clube recreativo e esportivo, localizado no centro da cidade⁶, destinado ao que se pode chamar de *classe média popular*, ou seja, estudantes e trabalhadores que podem retirar mensalmente de seus ganhos a quantia de R\$35,00 para manterem-se sócios do clube⁷. O acesso à academia é permitido aos não-sócios, mediante o pagamento de uma mensalidade de R\$40,00 (os sócios pagam uma mensalidade de R\$20,00 para freqüentarem a academia). Assim, desde o último dia 19 de janeiro, freqüento esta academia às segundas, quartas e sextas-feiras, das 18h30min às 19h30min, onde pratico as modalidades *jump*, *step* e ginástica localizada.

Minha turma na academia é formada por aproximadamente 12 mulheres⁸, com idades que variam de 20 a 56 anos. As aulas são conduzidas por uma instrutora de 21 anos, acadêmica do Curso de Educação Física, que também participou como colaboradora desta pesquisa. Além dela, outras seis mulheres, com idades entre 35 e 56 anos – entre elas, a dona da academia, profissional com formação em Educação Física – se dispuseram a participar da pesquisa. Das mulheres pesquisadas, duas são solteiras, quatro são casadas e uma é divorciada. Apenas uma delas – a instrutora da academia – não possui filhos. As demais têm filhos com idades que variam de 04 a 36 anos. Seis delas se consideram católicas, enquanto uma se diz evangélica. O tempo médio de prática de ginástica em uma academia é de 09 anos, sendo que a que pratica há mais

⁶ A cidade referida é Santa Maria. Localizada na região central do Rio Grande do Sul, há aproximadamente 280 km da capital, Porto Alegre, Santa Maria pode ser considerada uma cidade de médio porte, com cerca de 260.000 habitantes.

⁷ Este é um valor bastante acessível. A média da mensalidade dos clubes de Santa Maria gira em torno de R\$100,00, após pagamento de uma jóia de R\$1500,00, conforme levantamento realizado por mim.

⁸ Este número varia, dependendo do dia, mas as mulheres que freqüentam as aulas são as mesmas, formando, mesmo, o que se pode chamar de *turma*.



tempo o faz há mais de 20 anos e a que tem menos tempo de prática, há menos de um ano.

Para a realização deste trabalho, tornei-me uma “nativa em campo”, isto é, procurei me tornar uma freqüentadora da academia como qualquer uma de minhas colegas. Ineri-me aos poucos no grupo, procurando conquistar a confiança de minhas colegas, conhecendo seus perfis, discursos e comportamentos frente às situações que se apresentavam, antes de qualquer investida mais formal.

Para isso, realizei a técnica da observação participante (ou *participação observante*, como prefere Wacquant (2002)), conversas informais antes, durante e depois das aulas e nos intervalos e entrevistas em profundidade, que foram gravadas – com a devida autorização das colaboradoras – e transcritas na íntegra para facilitar novos acessos e posterior análise e interpretação. Além disso, fiz uso de um diário de campo⁹, onde anotei minhas observações, ponderações, questionamentos e *insights*.

2. GÊNERO E ENVELHECIMENTO

A partir da compreensão, mais ou menos generalizada¹⁰, de que as representações sociais sobre a maturidade estão intimamente ligadas às questões de gênero, esta categoria passa a ser entendida como fundamental para o estudo das experiências em relação ao envelhecimento.

Segundo Helman (2003, p. 146) a imensa maioria das sociedades humanas divide suas populações em “masculina” e “feminina”. Embora fortemente baseada em diferenciações anatômicas e biológicas entre homens e mulheres, “essa divisão é baseada em uma série de pressupostos (derivados da cultura em que ocorrem) sobre os diferentes atributos, crenças e comportamentos característicos dos indivíduos em cada uma das categorias”.

Matos & Soihet (2003) lembram que a categoria gênero passou a ser vista prioritariamente no âmbito das diferenças culturais pelas feministas norte-americanas, que tinham como preocupação básica refutar o determinismo biológico e a conseqüente

⁹ Que mantinha junto à minha bolsa, em um cantinho do chão, e acionava sempre que surgia algo que julgava pertinente, fazendo o mesmo em casa, quando me lembrava de alguma coisa ocorrida ou ouvida na academia.

¹⁰ Esta é uma compreensão encontrada tanto na literatura acadêmica, quanto nos discursos das mulheres pesquisadas. Entretanto, muitas vezes esta questão é meramente discursiva.



naturalização e universalização das experiências masculinas e femininas como opostas umas às outras.

No que diz respeito ao envelhecimento, homens e mulheres envelhecem também distintamente (SAFFIOTI, 1992) e esta distinção é, em grande medida, realçada pelos usos e significados atribuídos aos corpos masculinos e femininos durante todas as fases da vida, precedendo, em grande parte das vezes, o próprio nascimento do indivíduo. Isto pode ser verificado através dos discursos, representações e práticas sociais, o que influencia o comportamento e as atitudes das pessoas, na medida em que determina como deve ser o masculino e o feminino.

Muitas mulheres sentem-se coagidas pela busca de um corpo eternamente jovem, saudável, belo e... feminino. Em outras palavras, a feminilidade, o ser mulher, está geralmente associado à juventude, por sua vez percebida quase como um sinônimo de saúde e beleza. Esta busca pela juventude é sentida, por algumas mulheres, como um misto de prisão e poder em relação ao seu próprio corpo. Prisão pelo peso coercitivo que representa a necessidade de estarem sempre jovens, dentro de um competitivo mercado em que o corpo é valorado como um capital (GOLDENBERG, 2008¹¹; BOURDIEU, 2008). Ao mesmo tempo, a atuação sobre seus próprios corpos, impedindo que os mesmos feneçam frente à inexorabilidade biológica do envelhecimento, parece representar um domínio sobre si mesmas. Seria a vitória da cultura na luta contra a natureza?

Contrariando algumas teorias, inclusive feministas, Saffioti (2001) mostra-se desfavorável a este suposto embate entre o natural/cultural, compreendendo o ser humano como uma totalidade bio-psico-social, posicionando-se, assim, contra qualquer tipo de essencialismo, biológico ou social. Dessa forma, propõe uma ontogênese do gênero, descrevendo-o desde sua origem até seu desenvolvimento na contemporaneidade, mostrando “o vínculo entre sexo e gênero” (2001 p. 01).

Allan Johnson (1997) aponta nesta mesma direção, argumentando sobre o simplismo e a pouca profundidade das teorias essencialistas que buscam explicar as diferenças entre os sexos/gêneros como naturais.

¹¹ Na verdade, Goldenberg (2008) discute, a partir de suas pesquisas, o corpo e o marido com “o” principal capital das mulheres brasileiras.



A ontogênese proposta por Saffioti (2009) analisa as três dimensões humanas: biológica, psicológica e social, compreendendo-as como interdependentes. Assim, pensar, sentir e agir representam faces de uma mesma unidade: o ser humano. Desprezar qualquer uma das três esferas seria correr o risco de cair no essencialismo, quer biológico, quer social.

O termo *relacional* é dispensável, segundo Saffioti (2009) para qualificar o gênero, já que todo o movimento social é relacional. Assim, quando se fala em gênero, está se falando de relações de/entre gênero(s): homens e mulheres; mulheres e mulheres; homens e homens.

Assim sendo, gênero, enquanto conceito relacional, não pode ser estudado sem a intersecção de outras categorias, como classe, geração e etnia. Para Alda Britto da Motta (1999), todas estas dimensões se realizam historicamente no cotidiano, sendo categorias relacionais que “expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias” (1999, p. 193), remetendo, portanto, a relações de poder. A autora explica que, em estudos anteriores, a análise pautada nas relações de poder se dava unicamente pela categoria classe, que era desprovida de gênero, etnia ou geração, ou seja, destituída de carne e osso.

Saffioti (1992, p. 192) também manifesta a necessidade da articulação gênero e classe social, alertando para a importância de se atentar para as “diferenças-semelhanças de gênero nas relações de produção, assim como as diferenças-semelhanças de classe nas relações de gênero”.

Como uma alternativa à dimensão política-econômica na análise de classe, Bourdieu refere-se às “vivências, experiências e práticas socializadoras” (BRITTO DA MOTTA, 1999, p. 195), expressadas pelos conceitos de *habitus*¹² e de distinção social, este último fundamentado na idéia de que as representações do mundo social que o indivíduo — ou o grupo — tem de si e dos outros se traduzem através dos gostos e dos estilos de vida. Dessa forma, Bourdieu (2008) retira os fatores econômicos do centro da análise, passando a considerar as práticas de consumo cultural dentro de uma estrutura

¹² “Sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro” (BOURDIEU, 1987, p. 40)



relacional – o habitus, permanecendo, na análise, as estruturas de poder, próprias das relações de classe. Entretanto, tais estruturas não dizem respeito apenas ao poder econômico, mas, também, ao poder cultural.

Judith Butler (1988, apud SAFFIOTI, 1992), também observa que as escolhas sobre os usos, as vivências e as aparências do corpo, quer masculino, quer feminino, implicam em um mundo de estilos corporais já estabelecidos histórica, social e culturalmente. A imagem da feminilidade e da masculinidade, por exemplo, são construções que implicam tempos e espaços (sociais e culturais) determinados historicamente.

Esta diferenciação foi acentuada com industrialização e a consolidação do capitalismo, onde a separação entre o mundo público do trabalho e o mundo privado da vida familiar, delimitando as esferas como essencialmente masculinas e femininas, respectivamente, ficou claramente definida, tornando-se hegemônica.

Segundo Martin (2006), em nossa sociedade capitalista fragmentada, uma mulher é considerada verdadeiramente feminina se cultivar o corpo – para si e para os outros – em detrimento do cultivo de seu intelecto. Dentro desse contexto, o corpo está para o feminino, assim como o intelecto está para o masculino.

A questão do corpo feminino, nesse âmbito, é bastante pertinente. Bourdieu (2008) observa que a cultura corporal também simboliza uma distinção social, distinção esta também generificada, na busca de uma expressão da feminilidade e/ou da masculinidade. As próprias práticas esportivas variam de acordo com o gênero e as classes sociais. A escolha por práticas esportivas em academias de ginástica, por exemplo, consideradas um esporte ascético por se reduzirem a uma “espécie de treino pelo treino” (BOURDIEU, 2008, p. 201) e, por isso mesmo, essencialmente feminino, sem se constituir num desporto, propriamente dito, onde há disputas e competições, típicas da representação da masculinidade, reflete o gosto da classe média, que se distingue da classe baixa, cuja preferência se dá por esportes coletivos, competitivos e tipicamente associados aos homens, seu público – consumidor e praticante – por excelência.

Dessa forma, o corpo, especialmente o feminino – e especialmente o da classe média –, é visto como um capital, tanto para o mercado de trabalho, propriamente dito, como para o mercado matrimonial, sexual e/ou sentimental. Às mulheres da burguesia é



negado o direito ao envelhecimento, marca irrefutável de desvalorização deste capital. (BOURDIEU, 2008)

Reforçando esta afirmação, Elódia Xavier (2007) observa que, pela imposição e naturalização do corpo feminino como erótico e sensual, as mulheres, mais do que os homens – ou, ao menos, de forma bastante distinta – sofrem os efeitos da marginalização provocada pelo envelhecimento, principalmente quando este envelhecimento passa a marcar o corpo, afastando-o, cada vez mais, dos padrões de beleza e juventude estabelecidos.

3. MENOPAUSA: ENTRE O ALÍVIO DA LIBERDADE E O FANTASMA DA INFERTILIDADE

Aproximar-se da menopausa significa o começo do fim? Ou, se levarmos em conta a máxima de que “a vida começa aos quarenta”, o início do começo? A resposta está longe de ser simples.

Vista como patologia no século XIX para, já no século seguinte, ser considerada “a bonança na vida da mulher” (MARTIN, 2006, p. 78), a menopausa, ainda hoje, é capaz de provocar opiniões diversas, quer no discurso médico, quer no senso-comum.

Martin (2006) analisa as várias metáforas utilizadas pelo discurso médico-científico de todos os tempos para explicar os fenômenos fisiológicos, tais como comparar o corpo e o funcionamento de seus órgãos ao sistema de tratamento de dejetos e segurança de uma cidade, ou a uma fábrica, ou, ainda, a um sistema de transmissão de informações com uma hierarquia bem definida – o cérebro sempre no comando.

Em relação à menopausa, especificamente, as metáforas estão quase sempre associadas a palavras de conotação negativa, como *regressão*, *declínio*, *decrécimo*, *falha*.

Nas mulheres pesquisadas, pode-se observar que a menopausa é vista com um misto de alívio pelo fim dos desconfortos e transtornos causados pela menstruação¹³ e, ao mesmo tempo, de decepção pelo fato de a menopausa representar o início de um ciclo de decadência. A menopausa, em si, não é vista como patológica pelas mulheres

¹³ Quando uma das mulheres está menstruada, é visível seu desconforto durante a prática da atividade física na academia: preocupação em tornar o absorvente invisível aos olhos das demais, ou com possibilidade de ele ser deslocado durante a atividade, perdendo, assim, sua função protetora.



pesquisadas. Seus sintomas, entretanto, sim. O mal-estar causado pelos calorões típicos desta fase¹⁴ e por outros sintomas é, na grande maioria das vezes, tratado com reposição hormonal feita sob a prescrição de um médico ginecologista, ou, ainda, com acompanhamento psicológico. A própria atividade física é vista, aqui, como um remédio ou terapia para aplacar tais sintomas.

Embora reconheça a menopausa como um processo natural, o doutor Dráuzio Varella¹⁵ não descarta o uso de medicamentos para a manutenção do equilíbrio hormonal. Como “sintomas”, Varella & Jardim (2009, p. 56) apontam uma série de sinais – desconfortáveis –, em sua maioria, físicos: “menstruações irregulares, redução da fertilidade, secura vaginal, ondas de calor (também chamadas de ‘fogachos’), alterações do sono e do humor, aumento da gordura abdominal, diminuição na espessura dos cabelos, redução do volume das mamas”.

Assim, apesar da liberdade que o fim da menstruação possa representar, a menopausa, em si, marca o fim do período fértil para as mulheres.

Perrot (2008), reconstituindo a história das mulheres, lembra o quanto a menopausa, com o fim da fertilidade, representava uma perda irreparável às mulheres do século XIX, significando o próprio fim da feminilidade.

Em outro texto, a própria Perrot (2005, p. 16) observa que, historicamente, no climatério, a mulher já não é mais vista como mulher, e sim como “uma velha, eventualmente dotada de mais poderes e liberdades, porém privada de fecundidade e, em consequência, de sedução”.

Ainda que todas as mulheres de meia-idade pesquisadas já possuam filhos, o fato de que seus companheiros ainda sejam férteis pode representar, ainda em nossos dias, já no século XXI, insegurança para algumas mulheres. Um dos maiores medos observados nas mulheres de meia-idade é o de serem trocadas por mulheres mais jovens. Estas, além de simbolizarem o novo e representarem o padrão de beleza que as próprias mulheres de meia-idade almejam, simbolizam o frescor e a vitalidade da fertilidade.

¹⁴ “Não é um calor normal. Parece que tem um fogo que vem de dentro pra fora. Dá vontade de se atirar numa piscina!”, (Marta, 55 anos).

¹⁵ Varella publicou o livro *Estação Carandiru* (1999), sobre sua experiência voluntária como médico na Casa de Detenção de São Paulo, um dos maiores presídios do país, palco de um enorme massacre, em 1992, quando uma rebelião causou a morte de 111 detentos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, que se tornou *best-seller* no Brasil. O livro originou o filme *Carandiru*, dirigido por Hector Babenco, transformando o doutor Varella, protagonista vários programas médicos-educativos na televisão brasileira, em celebridade popular.



O corpo é freqüentemente associado à sexualidade e à reprodução. Ao mesmo tempo, numa referência a Platão (DEL PRIORI, 2000), as representações de corpo dizem respeito à beleza e à juventude, categorias diretamente relacionadas à pureza. A velhice, assim, seria o impuro, a mácula, a sujeira, o pecado. Daí a necessidade de escondê-la, mascará-la. A maturidade feminina, com sua proximidade à menopausa e ao cessar da ovulação, seria, ao menos simbolicamente, demarcadora da morte da juventude. O fim da menstruação – tratada como um incômodo, inclusive em campanhas publicitárias de absorventes – muitas vezes não se constitui em um alívio, como se poderia esperar. Ao contrário, para algumas mulheres, esta fase significa uma crise, uma ruptura, já que suas funções reprodutoras – e, para muitas representações, suas funções femininas – são cessadas.

Em contrapartida, o fato de não correrem o risco de engravidar pode, sim, também representar, às mulheres mais velhas, certo poder, independência e liberdade sobre seus próprios corpos, já que os cuidados com a contracepção e o controle da natalidade ainda são, em grande medida, responsabilidade das mulheres.

A questão do poder atribuído à menopausa é bastante recorrente. Martin (2006, p. 92) argumenta que a referência médica à menopausa como uma falha na estrutura corporal das mulheres, ou sua alusão a uma “fábrica fechada”, “negócio falido” ou “máquina parada”, encontrada em textos para estudantes de medicina, contribui para a difusão de uma visão negativa sobre ela. No entanto, muitas mulheres revelam não associar qualquer problema à menopausa, vista apenas como a cessação ou ausência da menstruação. A satisfação por não sentirem os desconfortos advindos do sangramento mensal e de outros possíveis sintomas, como cólicas, inchaços e dores de cabeça, é vista como uma retomada de poder sobre seus próprios corpos, significando energia e força. “Para muitas delas, a menopausa foi um marco que as levou a fazer um inventário da própria vida e a buscar por uma felicidade maior”. (2006, p. 273)

Assim, a meia-idade feminina pode ser considerada uma fase marcada por mudanças físicas, psicológicas e sociais que podem desencadear diversas rupturas na vida das mulheres. Embora se saiba que os processos culturais e sociais sejam, em verdade, os deflagradores de tais rupturas, estas normalmente são naturalizadas e, de certa forma, normatizadas e hegemônicas, e lidas como crises. Daí a “crise da meia-idade”.



4. CORPO E ENVELHECIMENTO: IDENTIDADES E SUBJETIVAÇÕES – BREVES CONSIDERAÇÕES

Desde Marcel Mauss, o corpo vem sendo aprofundado mais e mais como objeto de estudos das ciências sociais, podendo mesmo ser considerado um “fato social total” em si próprio. Para Mauss (1974), os corpos e os comportamentos são construídos através e pela cultura, a partir da imitação daquilo que é, em determinado contexto, considerado prestigioso.

Mais do que isso, Maria Rita Kehl, na apresentação do livro “Corpos de Passagem”, de Denise Bernuzzi de Sant’Anna (2001), redimensiona a importância do corpo, compreendendo que todos nós, indivíduos, cultura, sociedade, somos corpos, material ou discursivamente.

Um corpo é um corpo e os outros corpos que o sustentam, acariciam, recusam, barram, outros corpos contra os quais ele se bate ou com os quais, temporariamente, se confunde. Um corpo é o corpo e os corpos que lhe deram origem. Um corpo é o corpo e o vazio dos corpos falantes ao seu redor. Um corpo inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção da morte, que o acompanha desde a origem até o final certo. (2001, apresentação)

Thomas Csordas (2008) propõe que a corporeidade se transforme em um paradigma para o estudo da cultura e do sujeito, com suas subjetividades, entendendo o corpo como sujeito e base existencial da cultura, e não como objeto a ser estudado em relação à cultura. Sua compreensão vai ao encontro de uma abordagem da corporeidade para além da representação e do discurso, envolvendo a problemática da percepção, abordada por Maurice Merleau-Ponty (1996), e a da prática, desenvolvida por Bourdieu (2008), onde o corpo, mais do que instrumento e significado da cultura, é seu próprio lócus. Dessa forma, sugere o desprendimento de análises que primam pela dualidade opositora entre sujeito-objeto, mente-corpo, cognição-emoção, subjetividade-objetividade, já que concebe o corpo e a corporeidade como uma gama de estados e relações complexos e interdependentes.

Quando o foco da discussão recai sobre o corpo em envelhecimento, inevitavelmente vem à tona a questão da subjetividade. Poder-se-ia argumentar que a temática do envelhecimento sobrepõe-se às questões relativas ao corpo. Entretanto, se



pensarmos em um corpo para além de mero instrumento material, podemos perceber o quanto corpo e envelhecimento são faces de uma mesma moeda, interrelacionando-se o tempo todo. Nesse sentido, é interessante pensarmos sobre como as representações sobre o corpo, construídas dentro de contextos específicos, são determinantes para o estabelecimento de práticas, vivências e relações. Assim, estudos (BOURDIEU, 1983; VICTORA, KNAUTH & HASSEN, 2000) apontam que o corpo e suas formas são, em variados contextos, sinais distintivos de classe e posição social. A protuberância da barriga masculina em classes populares urbanas, por exemplo, pode ser lida como um indicativo de opulência financeira. O estado de gravidez entre adolescentes também é distintivo entre classes populares, representando independência e a chegada à vida adulta, vista como um degrau superior na evolução da condição humana. O mesmo acontece com os cabelos grisalhos masculinos, que são, em grande medida, em diferentes classes sociais, vistos como sinal de experiência e maturidade intelectual, ao passo que os mesmos cabelos grisalhos, nas mulheres é, quase sempre, interpretado como desleixo, baixa auto-estima ou pouco cuidado consigo mesmas.

Em minha pesquisa, é perceptível que o cuidado com o corpo feminino, especialmente se o mesmo for feito com a frequência a uma academia de ginástica, denotando a preocupação com um acompanhamento profissional, também é um sinal de distinção social. Os homens da classe média-alta também frequentam a academia. Seu trânsito, porém, é mais restrito às salas de musculação, já que um corpo distintivo, para eles, encontra ecos em um tórax e membros torneados, bem definidos e sem gordura que, aliás, nem sempre é bem visto por homens e mulheres de classes populares, para os quais os cuidados com o corpo masculino, tomados como excessivos, podem gerar suspeitas sobre sua masculinidade e sexualidade.

Dessa forma, o corpo aparece como uma categoria central e como elemento catalisador das tensões entre as dimensões de saúde e sexualidade para as mulheres de meia-idade. Ao mesmo tempo, o corpo – com suas modificações – transforma-se em elemento identitário. Esta identidade diz respeito, também, à identidade de ser mulher, de ser feminina. Mais do que negar ou fugir do envelhecimento, procura-se parecer jovem. Dessa forma, o corpo, sua aparência, os cuidados e práticas desenvolvidas nele e em torno dele, ultrapassa sua condição de objeto para tornar-se, ele mesmo, sujeito e construtor de identidades.



Ser feminina, preservar a feminilidade significa, assim, para as mulheres de minha pesquisa, manter uma prática de cuidados corporais, desde a prática da ginástica até pequenas modificações corporais, tais como tingir os cabelos, quando alguns fios começam a adquirir tons grisalhos, e submeter-se a pequenos rituais, como o uso de cremes antiidade ou, até mesmo, pequenas intervenções cirúrgicas corretivas.

Assim, ter feminilidade, muito mais do que um atributo relacionado à sexualidade, ela própria um construto social, diz respeito a uma construção social pautada na juventude e em um ideal de beleza. Dessa forma, as categorias corpo, gênero e envelhecimento são construções que refletem uma estrutura social muito forte, pautada no capitalismo e na desigualdade entre os gêneros, que, embora persista ainda em nossos dias, por sua própria constituição histórica tem sofrido algumas transformações, sendo passível de outras mais e cada vez mais profundas e significativas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BEAUVOIR, Simone de. (1990) *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
2. BOURDIEU, Pierre. (1983) “Gosto de classe e estilos de vida”. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática.
3. _____. (1987) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
4. _____. (2008) *A Distinção – crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.
5. BRITTO DA MOTTA, Alda. (1999) “As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento”. *Cadernos Pagu*, N. 13, Campinas, SP.
6. BUTLER, Judith. (1988) “Variations on sex gender”. In: BENHABIB, Seyla, CORNELL, Drucilla (eds.). *Feminism as critique*. Minneapolis: University of Minnesota Press, apud SAFFIOTI, Heleith. “Rearticulando Gênero e Classe Social”. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). (1992) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, Fundação Carlos Chagas.
7. CSORDAS, Thomas. (2008) *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.



8. DEBERT, Guita. (2004) *A reinvenção da velhice*. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP.
9. DEL PRIORI, Mary. (2000) *Corpo a corpo com a mulher*. São Paulo: Editora SENAC.
10. GOLDENBERG, Mirian. (2008) *Coroas. Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade*. Rio de Janeiro: Record.
11. HELMAN, Cecil G. (2003) *Cultura, Saúde & Doença*. 4.ed. Porto Alegre: Artmed.
12. JOHNSON, Allan. (1997) G. *The Gender Knot – unravelling our patriarchal legacy*. Philadelphia: Temple University Press.
13. KEHL, Maria Rita. “Apresentação”. In: SANT’ANNA, (2001) Denise Bernuzzi. *Corpos de Passagem – Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, orelhas do livro.
14. LOURO, Guacira Lopes. (2007) *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
15. MARTIN, Emily. (2006) *A mulher no corpo – Uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond.
16. MATTOS, Maria Izilda & SOIHET, Rachel (Orgs.). (2003) *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP.
17. MAUSS, Marcel. (1974) *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP.
18. MERLEAU-PONTY, Maurice. (1996) *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
19. NERI, Anita Liberalesso. (1991) *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
20. PEREIRA DE CASTRO, Talita. (2009) *Auto-ajuda e a reificação da crise da meia-idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, dezembro de 2009.
21. PERROT, Michelle. (2005) *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC.
22. _____. (2008) *Minha história das mulheres*. 1ª ed., São Paulo: Contexto.



23. SAFFIOTI, Heleieth. “Rearticulando Gênero e Classe Social”. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). (1992) *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, Fundação Carlos Chagas.
24. _____. (2001) “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero”. *Cadernos Pagu*, N. 16, Campinas, SP.
25. _____. (2009) “Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres”. *Série Estudos e Ensaaios/Ciências Sociais – Revista FLACSO-Brasil*.
26. SILVA, Luna Rodrigues Feitas. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, jan.-mar. 2008.
27. VARELLA, Dráuzio & JARDIM, Carlos. (2009) *Envelhecimento* – Coleção Dráuzio Varella, São Paulo: Gold Editora.
28. VICTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEN, M. N. A. (orgs.) (2000) *Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 1 ed. Porto Alegre: Tomo Editorial.
29. WACQANT, Loïc. (2002) *Corpo e alma* – Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
30. XAVIER, Elódia. (2007) *Que corpo é esse?* – O corpo no imaginário feminino. Florianópolis: Ed. Mulheres.